

A TRAJETÓRIA DE UM EDUCADOR*

Sandra Cristina Fagundes de Lima**

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi apreender alguns aspectos da trajetória de Jerônimo Arantes (funcionário público, professor e memorialista), tendo em vista discutir as representações produzidas por ele acerca da educação escolar municipal em Uberlândia e também aspectos relacionados a sua produção referente à história local, no período que compreende os anos de 1919 a 1961. A partir desta análise, investigamos os laços existentes entre educação, atividade intelectual e política. Ainda que empregando dados obtidos de depoimentos orais, consultamos preferencialmente as fontes impressas, compostas por: jornais, revistas, livros, diários de classe, provas de exames finais, atas de reuniões escolares, correspondência pessoal, fotografias e outras.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Política e História.

I

O objetivo deste texto foi apreender as representações construídas por Jerônimo Arantes (1892-1983) em torno da educação escolar municipal em Uberlândia/MG, da produção e escrita da história local, bem como o envolvimento destas com a política durante as décadas de 1933 a 1959. Arantes mudou-se para aquela cidade em 1919, onde exerceu a docência no curso primário, foi proprietário de escola (o *Colégio Amor às Letras*) e, depois, funcionário público. Em meio às suas atividades no âmbito da educação escolar, elaborou e editou durante três décadas a revista *Uberlândia Ilustrada* (1936-1961); colecionou documentos e formou o *Arquivo Histórico*; produziu a *Cartilha Brasileira* e mais três livros voltados para o ensino primário; escreveu artigos e livros acerca da história de Uberlândia e compôs muitos versos sobre a vida escolar, a cidade, o campo, o amor e outros temas.¹

* Essas reflexões foram desenvolvidas na tese de doutorado: *Memória de si, história dos outros: Jerônimo Arantes, a educação, a política e a história em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961*, defendida no Departamento de História do IFCH/UNICAMP.

** Profª Universidade Federal de Uberlândia e Doutora em História pela UNICAMP.

¹ A bibliografia produzida por Arantes compreende os seguintes títulos: ARANTES, J. *Corografia ilustrada de município de Uberlândia*. Uberlândia, 1967b. (Datilografado). APU. CPJA./ *Cromos*. Musa vadia de Dalbas Júnior. Uberlândia: [s.n.], 1981a. APU. CPJA./ *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938b. Acervo Delvar Arantes (ADA)./ *Cidade dos sonhos meus*. Uberlândia, 1975. (Datilografado). ADA./ *Cidade dos sonhos meus*. 2. ed. Uberlândia, 1981b. (Datilografado). ADA./ *Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia*. 2 ed. revista, ampliada e ricamente ilustrada, Uberlândia, 1981c. (Datilografado). ADA./ *A cidade: Uberlândia dos primeiros tempos*. Uberlândia, 1971a. (Datilografado). ADA./ *Colibri*. Literatura Infantil. Uberlândia, 1976. (Datilografado). ADA./ *Corografia do município de Uberlândia*. Uberlândia, Pavan, 1938c. ADA./ *Crônicas sociais*. Uberlândia, 1977. (Datilografado). ADA./ *Memória histórica de Uberlândia: Fundação da cidade*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1969. ADA./ *Memória histórica de Uberlândia: Organização e administração do município de Uberlândia*. Uberlândia, 1962, não paginado. V. 2. (Datilografado). ADA./ *Memória histórica de Uberlândia: Setor ferroviário*. Alta Mogiana. Uberlândia: [s.n.], [1970]. ADA./ *Meu Aprendizado agrícola*. Uberlândia, s.d. (Datilografado). ADA./ *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938d. ADA./ *Uberlândia, cidade dos sonhos meus*. Uberlândia: [s.n.], 1967c. APU. CPJA.

Tendo em vista a sua longa permanência no exercício de cargos de confiança do poder executivo municipal (1933-1959) — primeiro como inspetor de ensino, depois como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (SESM) —, fosse administrando fosse fiscalizando o trabalho realizado pelos professores nas escolas municipais, formulamos a seguinte indagação: Quais eram as representações tecidas por Arantes acerca das escolas mantidas e fiscalizadas pelo município e quais os nexos estabelecidos por ele entre estas escolas e o poder político local?

Empregamos como fonte os documentos escritos e iconográficos que compõem a *Coleção Professor Jerônimo Arantes* (CPJA), depositados no Arquivo Público de Uberlândia (APU): livros, jornais, revistas, correspondência pessoal, ofícios e memorandos expedidos e recebidos pelo SESM, bem como as fotografias retratando as escolas rurais no período em que Arantes as fiscalizava. Utilizamos também as atas das reuniões escolares e os jornais que não fazem parte da referida coleção. Por fim, trabalhamos com fontes orais, produzidas por meio de entrevistas realizadas com familiares, amigos e conhecidos de Arantes.

II

Não se pode apreender a trajetória de Arantes como representando um caminho percorrido linearmente — segundo seria corrente em uma perspectiva que dotaria as trajetórias de previsibilidade transformando-as em mera sucessão trivial de fatos e acontecimentos —, pois "Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância". (ROSA, 1980, p. 113). No entanto, é possível, por outro lado, abordá-la tentando compreender os nexos que a perpassaram. Dessa forma aquilatamos que as diversas atividades assumidas por Arantes possibilitaram-lhe galgar os degraus em direção ao reconhecimento de seu trabalho tanto no âmbito da educação escolar quanto na esfera da pesquisa e escrita da história da cidade, assim como auxiliaram-no a compor as suas representações.

Em linhas gerais, estas representações, tanto aquelas construídas por Arantes quanto as outras que se construíram em torno dele, encontraram nas décadas em que ele atuou solo fértil para germinar, uma vez que se ancoravam sobre pilares que tão bem as sustentaram: de um lado o seu envolvimento com a educação manteve sintonia com o contexto nacional — que também se refletia na cidade — de reabilitação da República através da valorização da escola. Seria sobretudo por meio desta instituição que superaríamos as mazelas seculares que insistiam em fincar raízes no novo regime. Desta forma, alfabetizar a população, extirpando as "trevas" na qual esta se encontrava mergulhada seria tarefa primordial para solidificar a ordem sócio-política em

gestação e aqueles que, tal qual Arantes, assumiam tal empreitada tornavam-se dignos de profundo reconhecimento, conforme expressou um de seus contemporâneos: "O Jerominho se sobressaía sobre todos nós. Porque ele era um educador. (...) Foi um professor exemplar".²

De outro lado, com a publicação da *Uberlândia Ilustrada* e, por fim, com o seu trabalho de colecionador, pesquisador e memorialista Arantes tornou-se uma referência para se conhecer a história da cidade e, por conseguinte, uma autoridade no que dizia respeito às análises sobre o presente e até sobre as conjecturas acerca do futuro de Uberlândia. Nas páginas de sua revista ficaram impressas as suas representações sobre a fundação do município, a biografia dos pioneiros e sobretudo as realizações dos sucessores destes, conformando uma tentativa de imbricação harmoniosa entre passado e presente, este como continuação linear daquele. E permeando essa tessitura encontrava-se a edificação da imagem positiva de seu artífice. Arantes personificava então os ideais de magnanimidade e devoção incondicional à história da cidade, ressaltados em uma carta por ele recebida:

Meu caro Dalbas Junior, graças a sua tenacidade de historiador apaixonado de cousas nossas, é que temos vultos a fatos de Uberlândia de ontem e de hoje, o que vem enriquecendo o patrimônio histórico desta região. Receba pois os meus parabéns por tão grandes trabalhos elucidativos da nossa história, onde amanhã, os vindouros encontrarão uma fonte de conhecimentos ...³

Extrapolando, porém, essas constatações, que julgamos fazerem parte de um contexto mais geral, nossas análises nos conduziram por caminhos mais sinuosos, nos quais encontramos particularidades que, de forma gradativa, possibilitaram apreender a trajetória de Arantes em uma dimensão mais específica, dentro da qual muitas outras representações foram tecidas. Dessa forma, as conclusões iniciais acerca da convergência da atuação de Arantes com o contexto no qual ele produziu as suas representações foram balizadas por outros dados que possibilitaram apreender também os momentos de divergência, ou, no limite, de desvio em relação ao curso seguido tanto pelo contexto nacional quanto pela realidade local.

Fomos, então, compreendendo que algumas das representações elaboradas por Arantes como, por exemplo, as fontes empregadas em seu trabalho de pesquisa, assim como a relação estabelecida por ele, enquanto educador, com as reformas educacionais e com o próprio movimento da Escola Nova, cujas críticas e propostas eram alardeadas nos anos de 1930, iam de encontro a algumas das representações que compunham o universo no qual ele atuava. Daí

² DINIZ, Cícero: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (20 min), estéreo.

³ PAES LEME, Fernando Monteiro. [carta]. [S.l.] [195-]. APU.CPJA.

concluirmos com Chartier que: não há "... prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles". (CHARTIER, jan./ abr. 1991, p. 177).

No que diz respeito ao primeiro ponto, ainda que empregando, tal qual os memorialistas residentes na cidade, as fontes escritas, Arantes incorporou aos seus documentos dados extraídos da memória oral e o fez a partir de entrevistas realizadas por ele com pessoas residentes na cidade e região próxima. Não só o suporte da fonte afastou-o do trabalho elaborado em Uberlândia por seus coetâneos, mas também a origem dos entrevistados, pois estes eram pessoas provenientes de camadas empobrecidas da população, em sua grande parte destituídas de posses e notoriedade política; eram também analfabetos e trabalhadores braçais. Com as informações obtidas com estes depoentes Arantes buscava acrescentar mais elementos aos documentos escritos que lhe possibilitassem ampliar os dados relativos ao passado de Uberlândia, ou, como ele preferia explicar, dessa forma ia "revivendo o passado na voz da gente antiga". Era esse, inclusive, o título de uma das sessões de sua revista na qual reproduziu parte destas entrevistas.

Contudo, a despeito dessa característica que o distanciava de memorialistas que lhe foram contemporâneos, o resultado do trabalho produzido por Arantes não se afastava muito dos demais, fosse em grau fosse em gênero. Pois, ainda que entrevistando filhos de escravos, boiadeiros e agregados, a história escrita por Arantes ressaltava mais o passado de pessoas bem sucedidas financeiramente, líderes políticos e outros que se destacaram no contexto local; permanecia, pois, a visão hegemônica segundo a qual poucos se destacavam no processo histórico e esses poucos não eram os seus depoentes destituídos de poder econômico e notoriedade social e política.

Uma outra particularidade concernente à trajetória de Arantes situa-se na forma como recebeu os ventos renovadores que sopravam em direção às concepções educacionais a partir do final dos anos de 1920. O seu ingresso no ensino escolar e o seu interesse em minorar o analfabetismo coincidiu primeiramente com o denominado entusiasmo pela educação, tão acalentado no final da primeira República, e, por conseguinte, com as várias mudanças pelas quais a educação passou a partir da terceira década do século XX. Se a educação sempre foi objeto de discussão pelos diversos governos, foi então a partir dos anos de 1920 que se tornou também alvo de medidas concretas visando a sua adequação à nova ordem gestada no país. Não apenas discutir, mas, sobretudo, realizar reformas que visassem modificar a face do sistema

educacional no Brasil tornou-se a preocupação de diversos governos estaduais. Para a implementação destas mudanças delegou-se a alguns educadores a incumbência de fazer o diagnóstico dos problemas existentes na educação escolar brasileira e apresentar diretrizes visando corrigi-los.

No entanto, embora as reformas educacionais tenham ocupado um papel de destaque nos meios educacionais a partir dos anos de 1920 — quando começaram a ser implementadas em vários estados da federação, incluindo o de Minas Gerais —, ao analisar as representações construídas por Arantes em torno da educação, constatamos a particularidade de estas terem passado ao largo das discussões acerca das mudanças em curso no sistema escolar brasileiro. O "otimismo pedagógico", que de acordo com Nagle (1980) teria acompanhado o "entusiasmo pela educação", não encontrou lugar nas preocupações de Arantes, ou pelo menos não foi objeto de seus textos publicados nos jornais e nem das atas que redigiu na época em que inspecionava as escolas municipais. As questões relacionadas a problemas de ordem teórico-metodológicos subjacentes àquelas reformas não foram contempladas por Arantes em seus escritos. Nas atas, Arantes deteve-se nos relatos sucintos acerca das condições encontradas nas escolas visitadas ressaltando o bom aproveitamento dos alunos, a organização na documentação escolar e a dedicação dos professores. Além desses aspectos, sempre que a ocasião o permitia louvava as iniciativas públicas em prol do desenvolvimento escolar do município, sobretudo quando os prefeitos “entregavam” à população mais um estabelecimento de ensino. Poucas vezes registrou a necessidade de abertura de mais escolas.

Ainda que incorporando no currículo de sua escola atividades que requeriam um envolvimento maior com os alunos, como, por exemplo, o teatro, as excursões e a formação de um museu, os pressupostos do escolanovismo tão em voga a partir do terceiro decênio do século XX não se encontraram no rol de suas discussões. Embora Arantes tenha dedicado longos anos de trabalho ao ensino, permaneceu ausente de seus estudos uma análise dos temas educacionais segundo as críticas que vinham sendo realizadas pelos renovadores.

Além do aspecto relacionado à carência de escolas e a alguns dos problemas verificados na infra-estrutura daqueles estabelecimentos fiscalizados por Arantes, não encontramos nenhuma abordagem mais especializada de alguns dos problemas que perpassavam a escola primária. Nos escritos que ele deixou acerca do tema não se depreende considerações que demonstrem um nexo entre sua análises e a problemática advinda da penetração do ideário da Escola Nova no meio

educacional brasileiro. Desta forma, a relação que Arantes estabeleceu com a educação escolar não se assentou sobre o debate acerca das questões de ordem teórico-filosófica encetado pelos renovadores. O seu alicerce foi construído a partir da atuação do professor entusiasmado que cativava os alunos em sua escola e depois do funcionário público diligente que zelava pelas instituições educacionais ligadas ao poder municipal, elogiava o trabalho dos professores, o comportamento dos alunos e reivindicava, sem muito alarde, reformas infra-estruturais para os estabelecimentos de ensino, sobretudo para aqueles localizados na zona rural do município.

Porém, o afastamento de Arantes do debate envolvendo a Escola Nova não se constituiu em prejuízo para a sua imagem até aposentar-se, uma vez que, de acordo com contemporâneos o seu nome estava ligado de forma indelével ao sistema educacional em funcionamento na cidade, seja em função de sua escola seja, em um momento posterior, por causa de seu trabalho no governo municipal no período que remonta ao princípio da década de 1930 até final dos anos de 1950. O entusiasmo que se difundiu pela educação possibilitou a Arantes gozar de prestígio junto à sociedade, uma vez que administrando as escolas municipais, ele emergia como a pessoa capaz de levar um facho de luz a uma sociedade mergulhada nas trevas do analfabetismo.

Este distanciamento verificado entre as representações construídas por Arantes e aquelas que já estavam inscritas seja no âmbito local seja no plano mais geral (tanto em relação à Escola Nova quanto em função das formas de se buscar fontes de pesquisa) embora possa ser explicado em função das características subjacentes à própria formação escolar e intelectual de Arantes (a primeira se restringiu ao curso ginásial e a segunda manifestava-se sobretudo pela ausência de indícios que possibilitassem concluir sobre a realização de leituras acerca de teorias da educação e mesmo da história) remetem à questão proposta por Chartier acerca das condições e dos processos que amparam “... as operações de produção de sentidos.” Esses são construídos historicamente e variam segundo os “... tempos, os lugares e as comunidades”. Dessa forma, ao contrário de uma submissão de Arantes (ou de quaisquer sujeitos de nossas pesquisas) às estratégias estabelecidas, nos deparamos frente a frente com a sua capacidade inventiva, pois: “... nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas (...), as categorias dadas como invariantes, (...), devem ser construídas historicamente.” (CHARTIER, jan./ abr. 1991, p. 180).

Imbricada à trajetória seguida por Arantes no meio educacional situa-se o seu envolvimento com a política, não com a representação política direta e ou com a ostensiva militância partidária, mas, sim, com o exercício prolongado de cargos de confiança na prefeitura

local. Conforme discutimos, os traços dessa extensiva união com o poder político da cidade ficaram impressos tanto na revista produzida por ele quanto nos seus livros e artigos relativos à história da cidade (um dos exemplos encontra-se na abordagem que consistiu em reunir passado e presente na história de Uberlândia como fazendo parte de uma seqüência linear cuja meta seria o progresso), configurando a difícil, se não impossível, arte de cindir a produção intelectual do exercício político.

Desse entrelaçamento, ressaltamos no conjunto da produção de Arantes algumas características que emergem da lealdade demonstrada por ele ao cargo que exerceu. Não é sem motivo que uma das representações tecidas a seu respeito incidiu sobre a sua conduta exemplar no tempo em que esteve no serviço público, pois "... sua atuação como servidor do município sempre foi pautada pela eficiência, lisura e honestidade de propósitos."⁴ Durante os anos em que trabalhou na prefeitura, Arantes colecionou documentos, produziu a sua revista, escreveu livros e passou a ser visto como um funcionário público zeloso para com as questões educacionais; um respeitado pesquisador, colecionador e escritor da história local e também um tenaz jornalista, haja vista sua persistência em produzir durante três décadas a *Uberlândia Ilustrada* em meio a tantas dificuldades.

A partir da sua atuação no *Colégio Amor às Letras*, enquanto educador, abriram-se-lhe as portas do serviço público — pois nesta escola, teria prestado "... os mais relevantes serviços ao progresso moral e intelectual de seus numerosos discípulos, cujo número aumenta dia a dia graças à capacidade de trabalho prático e eficiente adotado por seu diretor."⁵ —, mas foi no decorrer do período em que atuou na fiscalização das escolas municipais que Arantes produziu parte dos requisitos que tornaram possível construir as suas representações acerca da história local, assim como reuniu as condições necessárias para que se produzissem as representações acerca de si próprio.

Mas a sua atuação no serviço público contribuiu não só para a edificação de representações positivas a respeito dele mesmo como também se transformou em um instrumento por meio do qual os representantes políticos do município conformavam a sua imagem aos ideais da eficiência e competência administrativa. Pois, da mesma forma que interessava a Arantes projetar-se na sociedade local como um funcionário público diligente e um intelectual

⁴ CIDADE perde mestre, poeta e historiador. *A Notícia*, Uberlândia, p. 02, 21 maio 1983. APU.

⁵ PROFESSOR Jeronimo Arantes. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 02 ago. 1925. APU.CPJA.

comprometido com os interesses da cidade, interessava aos representantes políticos divulgar os frutos do trabalho que aquele vinha desenvolvendo como sendo parte da execução de seus projetos políticos.

Dessa forma, concordamos com Gomes (2000) quando afirma que a relação estabelecida entre os intelectuais e o poder político não se define simplesmente a partir de uma mera subordinação da produção dos primeiros aos interesses do segundo. O jogo entre ambos se estabelece a partir de regras flexíveis e os papéis representados pelos jogadores são igualmente maleáveis, intercambiáveis. Nesse sentido, pode-se definir o relacionamento estabelecido entre Arantes e o governo municipal mais em função de uma "rede de sociabilidade" do que propriamente a partir de uma relação caracterizada pela mera dependência. Arantes precisava do governo para proporcionar-lhe os meios necessários para atuar e projetar-se publicamente e aquele se beneficiava, por sua vez, do trabalho realizado por Arantes.

Portanto, não pensamos que a mera cooptação sirva para explicar a longa permanência de Arantes no serviço público — durante vinte e seis anos exerceu cargos de confiança do(s) prefeito(s) —. Ainda que ele tenha trabalhado para atender às expectativas dos representantes políticos, não pensamos que tenha se subordinado incondicionalmente ao poder. Pois este também necessitava de sua contribuição para atender parte dos anseios da população fosse no tocante à questão educacional fosse no que se referia à história que se desejava construir para a cidade. Por isso, acreditamos que as relações que se estabeleceram entre ele e o poder político se conformam mais no âmbito de uma confluência de interesses que a partir de um caminho unívoco. (LAHUERTA, 1997).

Da mesma forma, a sua atuação na imprensa contribuiu para se consolidar esta imagem positiva, pois se a escola auxiliaria a República a livrar-se de seus obstáculos, oriundos em grande parte da ignorância do povo, a imprensa, além de assistir à escola na missão educadora, seria o instrumento por meio do qual o "povo ignorante seria controlado" e o "governo cego" seria guiado. Esse ideal iluminista que perpassava a imprensa justificava-se em função de esta ser "... apresentada ao público leitor como expressão dos altos valores eternos e universais e conseqüentemente como impessoal, imparcial, apartidária, apolítica". (CAPELATO, jan. jun. 1991, p. 133). Nesse sentido ao se envolver com a produção de sua revista, Arantes colocava-se sob o manto protetor da imprensa e se beneficiava com a suposta imparcialidade e o propalado caráter benfeitor que assumia a atividade jornalística. A *Uberlândia Ilustrada*, então, se

constituiu no instrumento adequado para Arantes elaborar e, sobretudo, divulgar as representações sobre ele próprio e sobre a cidade, tanto do seu passado quanto do seu presente.

E como complemento situa-se a sua persistência em buscar dados referentes ao passado que remonta à fundação da cidade e produzir a partir daí relatos ufanistas que tornaram grandiloquentes a história de Uberlândia assim como a biografia de alguns pioneiros, sobretudo aquela concernente a Felisberto A. Carrejo, eleito como o "fundador". A tessitura desse passado, povoado de homens destemidos e empreendedores bem sucedidos, foi alinhavada de tal forma a engendrar uma trama que teria como corolário esvaziar o presente de quaisquer embates sócio-políticos e garantir êxito ao futuro. Arantes teria produzido assim, nas palavras de amigo, um "... repositório de saudades de uma época que se tornou argamassa vigorosa da metrópole de hoje".⁶

Em síntese, o círculo composto por Arantes, a educação, a imprensa, a política e a história da cidade não se define a partir da postura do reformador e ou de um questionador, fosse das instituições educacionais fosse da história, mas, sim, a partir da ótica de um funcionário público "eficiente" que zelava pelas instituições educacionais sob a sua responsabilidade e de um persistente pesquisador que, no afã de escrever a história de Uberlândia, transformou-se aos olhos de seus contemporâneos na autoridade sobre o assunto. Com o seu trabalho no *Colégio Amor às Letras*, posteriormente com a sua atuação no serviço público, bem como com a publicação de sua revista, livros e artigos, Arantes foi, pouco a pouco, produzindo a memória de si e, concomitante, construindo e escrevendo a história dos outros.

BIBLIOGRAFIA

CAPELATO, Maria Helena. Imprensa, uma mercadoria política. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, p. 131-39, jan. jun. 1991.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, v. 5, n. 11, p. 173-91, jan./ abr. 1991.

GOMES, Ângela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Capanema e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 13-47.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena C. de; COSTA, Wilma P. da (Orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 94-114.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade: na primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

⁶ GARCIA, Durval Gomes. Prefácio. In: ARANTES, J., 1962, op. cit.